



Matéria publicada no Caderno Ela de O Globo, 16.05.2009

Reprodução

Divulgação/Sophie Calle

Divulgação/Jean-Baptiste Mondino



GRÉGOIRE BOUILLIER, o ex (na foto, com o cigarro apagado devido à lei francesa)



A ATRIZ espanhola Victoria Abril interpreta o e-mail no qual o namorado de Sophie Calle termina o relacionamento: exposição será realizada em São Paulo e Salvador



SOPHIE CALLE na Biblioteca Nacional de Paris, na exposição "Cuide de você"

Divulgação/Jean-Baptiste Mondino

Suzana Velasco

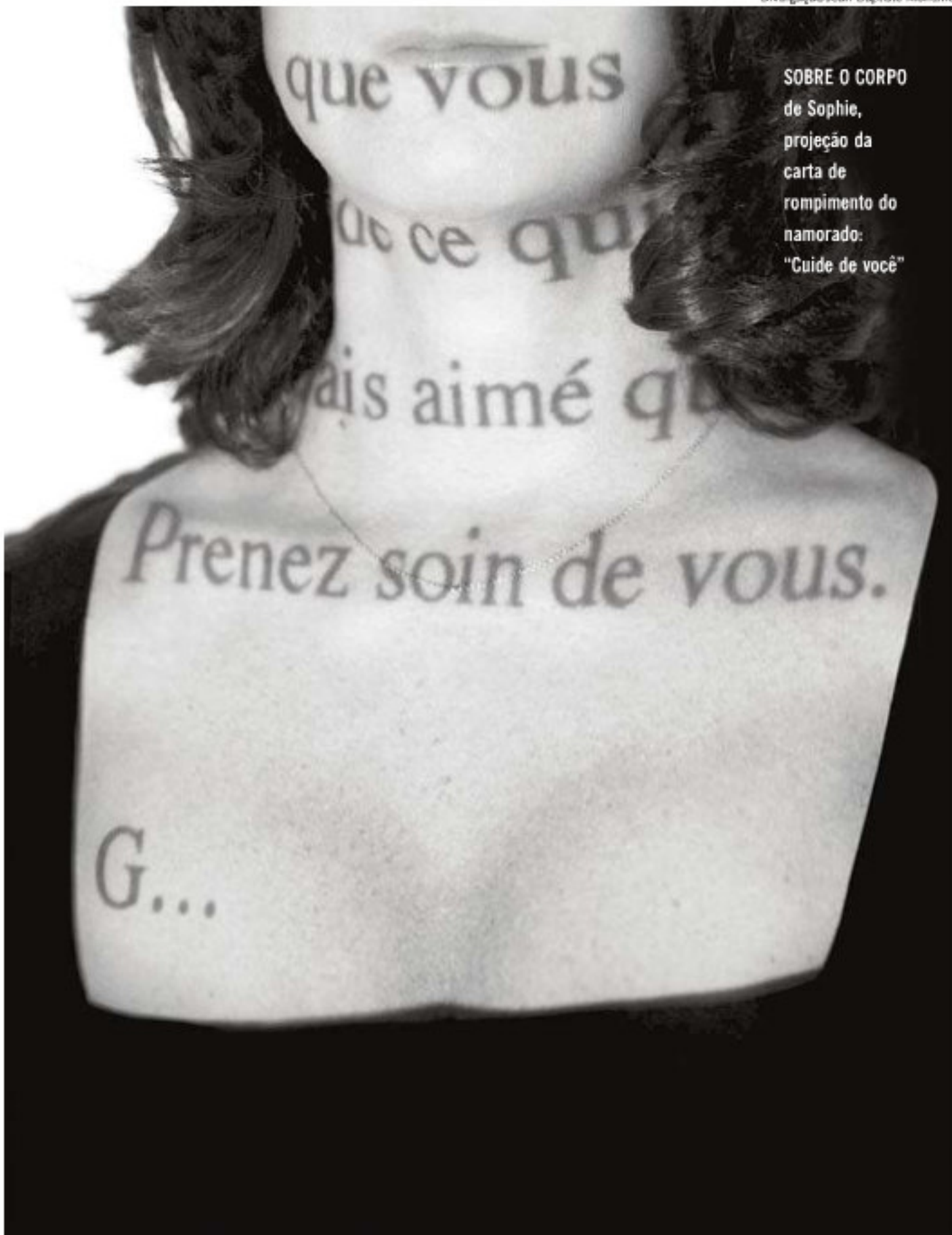
Sophie Calle já passou a noite no topo da Torre Eiffel, ouvindo histórias alheias que a impedissem de adormecer. Já levou estranhos para a sua cama e os fotografou, para não se sentir só. Já seguiu um homem de Paris a Veneza. Já foi seguida — porque quis. Sophie já trabalhou três semanas como camareira, fotografando quartos de hotel. Já recriou a história de um homem pelos contatos de sua agenda de telefone, encontrada fortuitamente na rua. Aos 55 anos, Sophie já transformou alguns de seus momentos mais íntimos — e de outros, conhecidos e desconhecidos — em fotografias, vídeos e textos, que a tornaram uma das artistas mais celebradas da França hoje.

Para o resto do mundo, seu nome ganhou destaque quando 107 mulheres interpretaram o e-mail no qual um namorado de Sophie terminava o relacionamento. A frase final, "Prenez soin de vous" ("Cuide de você"), dá nome à exposição que reúne vídeos e fotos dessas mulheres, e que chega ao Sesc Pompeia, em São Paulo, no dia 10 de julho, trazida em parceria com a Associação Cultural Videobrasil. Há dois anos, a mostra foi a sensação da Bienal de Veneza de 2007 — onde Sophie também exibiu um vídeo com os últimos momentos de vida de sua mãe. Dias antes de montar a exposição na capital paulista, Sophie se sentará frente a frente com o ex, o escritor francês Grégoire Bouillier, na Festa Literária Internacional de Paraty (Flip), no primeiro encontro público dos dois.

— Ele não gostou da ideia de uma obra sobre ele, mas disse que respeitaria. Ele foi muito nobre, generoso. E hoje somos bons amigos — conta Sophie, em entrevista por telefone, de Paris, e ri da ironia. — Ele não vai a Paraty só como minha vítima, mas como escritor. Não preparamos nada, será uma conversa. Talvez ele esteja mais zangado do que eu imagine. Tenho certeza de que foi muito duro para ele, mas não perguntei. Para mim, é passado.

Espiando os outros atrás da porta

• E como não seria duro saber que sua intimidade é dita e repetida para milhares de pessoas — a maioria, mulheres, pois "os homens devem se sentir ameaçados", diz Sophie —, que já foram ver a exposição em Veneza, Paris, Tóquio, Hong Kong, Munique e Nova York. E, agora, em São Paulo e no Museu de Arte Moderna da Bahia, em Salvador, para onde "Cuide de você" segue dia 22 de setembro. Cada uma das 107 mulheres interpretou a mensagem de acordo com sua profissão: linguista, *headhunter*, bailarina, taróloga, DJ, palhaça, juíza, quase todas anônimas, entre famosas como a primeira-dama da França, a cantora italiana Carla Bruni, e as atrizes Victoria Abril e Maria de Medeiros: — Só chamei mulheres porque acho que essa carta não poderia ter sido mandada de um homem gay para outro, ou de uma lésbica para outra. É uma típica carta enviada de um homem para uma mulher. Sophie faz parecer que, no momento em que faz uma obra, suas histórias de dor são mesmo passado. Ela fala com naturalidade sobre os fatos que inspiram suas criações, ainda que faça questão de frisar que só metade delas tem uma origem pessoal. Mas foi a partir de sua própria vida que ela começou a fotografar e escrever. Em 1980, depois de aban-



SOBRE O CORPO de Sophie, projeção da carta de rompimento do namorado: "Cuide de você"

Nós vivíamos juntos há um ano, mas nossa relação tinha se degradado. Não falávamos mais um com o outro. Eu sonhava em desposá-lo. Ele sonhava em fazer cinema. Para incitá-lo a atravessar a América comigo, propus que realizássemos um filme durante a viagem. Ele aceitou. De nossa ausência de comunicação, veio a ideia de nos munir cada um de uma câmera de vídeo, e de fazer dela a única confidente de nossas frustrações, contando-lhe secretamente tudo o que não podíamos nos dizer. Estabelecida a regra do jogo, em 3 de fevereiro de 1992, deixamos Nova York em seu Cadillac cinza em direção à Califórnia.

Texto de apresentação de "No sex last night", feito com Greg Shephard, e em exibição no Oi Futuro, no Rio

— Eu só queria viver com ele, e ele sonhava em fazer filmes, por isso propus filmar nossa viagem. Mas pensei nisso como uma armadilha, para ele me seguir. Era uma mentira. Nunca realmente achei que fosse fazer um filme. Sophie frequentemente usa os outros para falar de sua própria dor, como em "Cuide de você". No livro de imagens e textos "Douleur exquise" — dedicado, ironicamente, a Grégoire B. —, a artista mescla as histórias de sofrimento de outras pessoas com a sua: Sophie encontraria o amado depois de três meses de viagem ao Japão, mas ele não apareceu, e a ruptura foi por telefone.

Ela inspirou personagem de Paul Auster

• Mesmo sem dizer quem era o homem que a abandonara, o namorado ficou furioso e revelou seu nome ao mundo. Outra reação raivosa foi a do desconhecido sobre o qual ela escreveu no jornal francês "Libération", a partir dos depoimentos de pessoas listadas num caderno de telefones que achou na rua. A vítima conseguiu uma foto nua de Sophie, e a publicou no mesmo jornal.

— Ele não gostou nem um pouco, mas escreveu um artigo dizendo quem era. Eles se irritam, mas revelam quem são — diz Sophie, soltando uma gargalhada. — Quando publiquei meu texto, muitos jornalistas ficaram com raiva, pois não entendiam como uma artista podia fazer algo que a eles não seria permitido. Muita gente não gostou porque achou que era mentira, ou gostou pelo mesmo motivo. Quando o homem publicou a resposta, muitos passaram a gostar, e vice-versa. O interessante foi notar que o critério era se a história era ou não ficção.

Sophie demonstra não se importar até que ponto sua vida privada se mistura com a pública, com o que é ficção ou realidade. Natural para uma vida que já inspirou um personagem de romance, a Maria Turner do "Leviatã", de Paul Auster. Ela diz que poderia contar várias histórias sobre o porquê de usar imagens e palavras. Talvez para seduzir o pai, que era colecionador de arte e tinha as paredes repletas de obras que uniam fotos e textos. Talvez, Sophie faz sua trajetória parecer muito espontânea, fruto de alguma intuição e do acaso. Afinal, onde estaria ela se um certo crítico de arte não tivesse sabido que uma mulher levava passagens para dormir em sua cama, e as fotografava? Ele gostou e inseriu a jovem solitária numa coletiva. Foi a primeira vez na vida em que Sophie pisou num museu.

— E assim eu me tornei uma artista. =

Vida exposta

Sophie Calle reencontra na Flip o escritor que a abandonou por e-mail e inspirou a obra-sensação da última Bienal de Veneza, que chega ao Brasil em julho

donar o recém-iniciado curso de Sociologia para fazer uma viagem de sete anos, decidiu seguir um desconhecido até Veneza, registrando seus passos — "só porque estava perdida, não sabia o que fazer da vida". Desde então, não parou mais de espiar por trás da porta dos outros ou de escancarar a sua.

Sophie conheceu Bouillier num de seus rituais *sui generis*, mais um que foi transformado em livro e instalação. A cada aniversário, entre 1980 e 1993, ela convidava um número de amigos correspondente a sua nova idade, e mais um desconhecido. O escritor foi dos convidados inesperados, e relatou o episódio em "L'invité mystère", que será lançado em julho pela Cosac Naify, como "O convidado surpresa". Na Flip, Bouillier lerá um trecho de seu livro, e Sophie, de "Des

histoires vraies", que também será publicado por aqui em breve, como "Histórias reais", pela Editora Agir.

— Dei este título para ficar óbvio que as histórias são verdadeiras — diz ela. — Ao mesmo tempo, nada é verdadeiro, já que eu escolhi determinado minuto da minha vida, e não outro, e estou tentando desenvolver um estilo. Então, não posso dizer que

é verdade, mas que aconteceu.

Algumas das experiências reais são de desejos frustrados, outros cumpridos, e que acabaram originando mais obras de arte, como o filme "No sex last night". O trabalho está em exibição até 28 de junho no Oi Futuro, no Rio, na exposição coletiva "Meias verdades", com curadoria de Adon Peres e Ligia Canongia — para quem a câmera, nesse filme, é "um

olho pessoal e impessoal, quase completamente voyeur e quase verdadeiramente imerso na cena". Sophie e o então namorado, o fotógrafo Greg Shephard, filmaram e editaram juntos uma viagem pelos Estados Unidos, que culminou num inusitado casamento em Las Vegas. O filme mostra o abismo entre os dois: "Ele olha seu carro como se fosse para a esposa parindo", diz Sophie em certo momento.



UMA DAS FOTOS de corvidados a dormir na cama de Sophie Calle